



Exclusivo

INTERNACIONAL

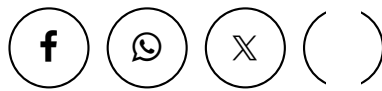
# Eleições na Hungria: Viktor Orbán e Péter Magyar em digressão, dos comícios antiguerra ao périplo por 200 aldeias



O principal opositor de Orbán ns eleições de 2026 vai ser Péter Magyar, um advogado de 43 anos que assume ser culturalmente conservador, mas diz querer resgatar o país das mãos da corrupção [NurPhoto/Getty Images](#)

Uma mudança política na Hungria,  
há 16 anos dominada por Viktor  
Orbán, conhecido opositor do

consenso de Bruxelas, seria uma mudança para a UE. Pela primeira vez, parece haver alguém com reais possibilidades de o destonar: Peter Magyar, advogado, cristão, conservador ou, como o próprio diz, “o Orbán de 1998”. Análise às campanhas que têm feito com pistas para o mapa político do futuro



08 JANEIRO 2026 22:57



**Ana França**

Jornalista da secção Internacional

**T**oda a gente tem medo da guerra, mas [Viktor Orbán](#), primeiro-ministro húngaro há 16 anos, que tem adotado posições consideradas condescendentes com a agressão de Putin na Ucrânia, fez desse medo tema único da campanha para as legislativas que aí vêm. Abril de 2026 será mês decisivo não só para a Hungria, mas também para a União Europeia (UE), que desde o início da crise migratória tem tentado navegar o veto quase certo de Orbán a todas as medidas de apoio a requerentes de asilo ou iniciativas que promovam a sua distribuição pelo espaço comunitário. O novo pacto para as migrações deve entrar em vigor no verão, e Orbán já disse que a Hungria não vai aceitar ninguém. Mas esta é apenas uma das frentes de uma guerra maior sobre o que realmente significa ser-se soberano enquanto Estado-membro, ou pelo menos é assim que Orbán enquadra o problema.

Para os seus críticos, o primeiro-ministro está a impor leis aos seus cidadãos que vão contra os valores europeus (entre elas a chamada ‘lei

anti-LGBT”, que levou a Comissão a denunciar a Hungria ao Tribunal Europeu de Justiça); para quem vota no partido conservador Fidesz, o seu chefe, Orbán, está a preservar o verdadeiro carácter húngaro, as tradições cristãs e a cultura.

“A Hungria não é para *wokes*”, [escreveu](#) recentemente na revista “Hungarian Conservative” o advogado Miklós Szánthó, analista político e conhecida voz conservadora nos meios de comunicação húngaros. O seu artigo defende que os progressistas estão a destruir a ideia judaico-cristã sobre a qual a sociedade europeia foi construída, e que a Hungria é dos poucos países que se opõem minimamente a esta estirpe de “neomarxismo”.

---

#### UNIÃO EUROPEIA

“Apesar do que Orbán diz, na Hungria toda a gente está orientada para o Ocidente”: entrevista com o ex-MNE húngaro Péter Balázs

[Leia também](#) >

---

[À volta de Orbán](#) e de pensadores como Szánthó, ergueu-se a narrativa do país subestimado que vai contra a corrente e se afirma dessa forma. É aqui que entra a negativa antiguerra, apoiada no pressuposto de que todos os países que concordam em ajudar a Ucrânia são, por oposição, a favor da guerra, não só entre a Ucrânia e Rússia mas também entre a Rússia e a Europa, que Orbán prevê para breve se nada for feito no sentido contrário.

Péter Magyar lidera manifestação contra o Governo húngaro (23 de outubro de 2025) [Janos Kummer](#)

A [vitória](#) claríssima do Fidesz em 2022, mesmo depois de quase toda a oposição se ter unido contra um só partido, deu a Orbán confiança

redobrada nas suas qualidades de líder, mas nos dois anos seguintes, aconteceram duas coisas com ramificações na altura imprevisíveis: em 2024 a Presidente Katalin Novák [perdoou um homem](#) que fora cúmplice de um pedófilo, desencadeando manifestações em frente ao palácio presidencial, e obrigando a chefe de Estado a demitir-se.

A então ministra da Justiça, Judit Varga, um dos rostos mais conhecidos do Fidesz, caiu com Novák. Já o ex-marido de Varga, Péter Magyar, pôde por fim emergir como político sem qualquer tipo de laços que ainda o pudessem ligar à sua antiga vida como *boy* do Fidesz. A inflação em níveis históricos e o consequente aumento do custo de vida fizeram o resto do trabalho.

Viktor Orbán no último encontro de líderes da UE em Bruxelas NurPhoto/Getty Images

Nas eleições europeias de 2024, o Tisza, abreviatura húngara de Respeito e Liberdade e referência ao rio húngaro Tisza, obteve quase 30% dos votos. A Aliança dos Jovens Democratas de Orbán (é o que quer dizer o acrónimo Fidesz) venceu, com 44%, mas esta percentagem representa uma queda de oito pontos em relação às legislativas de dois anos antes. Neste momento, [segundo o jornal digital “Politico”](#), 49% dos húngaros tencionam votar em Magyar nas legislativas, 37% no Fidesz.

Difícilmente alguém poderia começar uma corrida contra Orbán de uma posição melhor. Magyar fez parte do círculo do Fidesz, conhece o aparelho, sabe como funciona o Governo e, em vez de escolher o conforto desse casulo, construiu uma plataforma política apoiada na revolta contra as elites, uma causa que era de Orbán mas que lhe é cada vez mais difícil personificar, após uma década e meia no poder.

## **O “ORBÁN DE 1998” ANDA PELAS ALDEIAS A SUJAR AS BOTAS**

Depois de uma ronda de [entrevistas explosivas](#) a alguns jornais e *influencers* da oposição — o que foi, em si, uma revolução dado que qualquer pessoa próxima do Fidesz está proibida pelo chefe de o fazer —, depressa se tornou claro que a popularidade de Magyar não se limitava à capital.

Por onde passa nas províncias, incluindo em aldeias que até tem percorrido a pé, as pessoas coalescem para ouvir o *insider* da capital que se afastou do poder para resgatar o espírito cristão, conservador (mas democrático) que fizera de Orbán, em 1998, um ídolo liberal. É [o próprio que o diz](#), nos comícios, sempre com variações desta ideia: “Temos de regressar ao Orbán de 1998, quando o crescimento económico era notável e não existia qualquer ameaça à democracia”.

---

FRANCE 24 English



Ver no

Magyar passou o verão a visitar pequenas cidades e aldeias por todo o país e levou a sua campanha diretamente ao coração rural de Orbán, incluindo a cidade natal do primeiro-ministro, Felcsút. Há muitas razões para esta aposta.

Ivan Laszlo Nagy, analista político e investigador na Universidade Columbia, em Nova Iorque, explica algumas ao Expresso. “Ao longo dos últimos 15 anos, nas últimas três campanhas eleitorais, a campanha da oposição foi orquestrada a partir de Budapeste. O raciocínio era que se Orbán tinha as aldeias, a oposição teria de conseguir todo e qualquer voto minimamente urbano”.

Isto quer dizer, na prática, “as campanhas eleitorais da oposição acabaram por se focar demasiado em temas importantes para uma classe abastada, preocupada com ideais liberais, direitos humanos e civis e que,

se quisermos ser francos, interessa quase exclusivamente a quem vive bem, com acesso a bons serviços, numa capital”.

Há outro problema: o próprio sistema eleitoral, “estruturado para que os votos no interior e em cidades pequenas tenham peso desproporcionalmente grande no Parlamento”. Os círculos eleitorais foram redesenhados, como nos Estados Unidos.

“É praticamente impossível retirar Orbán do poder sem conquistar os votos desses círculos rurais. É preciso estar consistentemente com 15 a 20 pontos de vantagem nas sondagens para conseguir maioria de apenas um deputado no Parlamento. Orbán criou mais círculos eleitorais para maximizar um número menor de votos no interior”, explica Nagy.

Um homem usa uma tshirt de apoio a Orbán numa manifestação no centro de Budapeste Janos Kummer/Getty Images

A terceira razão para o itinerário intenso é que “as partes do país onde Orbán é influente estão numa bolha mediática que ele controla, são desertos de informações fiáveis, basicamente é como ler propaganda da Coreia do Norte contra a Coreia do Sul e vice-versa”, diz o perito. O que faz destas deslocações “bem mais que fogo de vista”: são “essenciais para qualquer candidato que queira ser minimamente conhecido”.

Até agora, Magyar visitou “250 a 300 pequenas e médias localidades”, nas quais tem aparecido de “botas todo-o-terreno e megafone na mão”, “sem guarda-costas nem carrinhas cheias de gente paga para ir atrás dele”, para realizar comícios para “poucas ou muitas pessoas, à beira de um rio ou na parte de trás de uma carrinha”. Um contraste com Orbán, que “só recentemente começou a entender que tinha mesmo de fazer campanha”. E está a fazê-la. Já lá vamos.

A maior ironia desta eleição: Magyar é o fantasma do Orbán passado, um Orbán com menos 20 anos, jovem disruptivo que o primeiro-ministro já foi, tradicionalista nos valores moderno no discurso, galvanizador sem prometer destruir tudo o que os húngaros defendem e prezam.

Advogado, oriundo de família rica e conservadora da capital, que beneficiou do poder de Orbán, nem sequer criticou a utilização do *software* de espionagem Pegasus pelo Governo húngaro contra críticos. Pelo contrário, disse que esses esses métodos, por vezes, podem ser justificados. “Sim, concordo que o Péter Magyar não se tem afastado radicalmente de algumas das ideias de Orbán, está a dar pequenos passos, aos poucos vai-se distanciando da agenda, tem preferido ser cauteloso”, diz ao Expresso ex-ministro dos Negócios Estrangeiros húngaro Péter Balázs.

Mulheres vestidas de forma tradicional húngara votam nas eleições europeias em 2024, as primeiras em que o partido Tisza conseguiu uma votação expressiva *Lászlo Balogh/Getty*

Numa viagem recente com a caravana de Magyar, Nagy notou “muita gente espantada por ver um candidato a primeiro-ministro deslocar-se realmente aos sítios onde os ativistas costumam fazer todo o trabalho, sem nunca verem a pessoa para quem estão a trabalhar”, conta. As regiões que tem visitado são as mais afetadas pela falta de serviços públicos: escolas, hospitais, assistência social, infraestruturas. “Se um político quer encontrar soluções tem obrigatoriamente de ir aos locais onde as pessoas sofrem mais com a falta de opções.”

É também este factor da proximidade que Balázs destaca na campanha de Magyar. “Ele está sempre onde Orbán está, marca comícios ou eventos nas mesmas cidades ou localidades, uma ou duas horas depois de Orbán, e é impressionante, porque o primeiro-ministro está sempre altamente protegido, ninguém lhe chega, as reuniões são fechadas, a imprensa controlada, cada convite é pessoal, e é verificado pelo menos três vezes pelos seguranças. Ao lado, Magyar aparece num local público, ao ar livre, onde qualquer pessoa pode ir vê-lo e fazer perguntas”, diz.

## A TOURNÉE ANTIGUERRA

Pouco depois de regressar de Washington, onde conseguiu de Donald Trump uma [isenção](#) de um ano para continuar a comprar energia russa sem ser sancionado por isso, Orbán participou numa série de conferências organizadas pelo movimento Círculos Cívicos Digitais (DPK), vendidas como a “digressão pela paz” do “único homem que pode

impedir a Hungria de entrar na guerra contra a Rússia”.

---

#### CINEMA

Béla Tarr (1955-2026): “Não quero saber do cinema para nada. A única coisa que me interessa é a vida”

*Leia também* >

---

O Fidesz começou cedo a mobilização, com o lançamento, ainda em maio, da iniciativa [Clube de Combate](#), com anúncios que utilizam [exatamente a mesma imagética](#) do filme de culto de David Fincher (inspirado no romance de Chuck Palahniuk). Há um exército online de apoiantes do Fidesz (pelo menos 100 mil) cuja tarefa é inundar as redes sociais com conteúdo de apoio ao partido (muito dele falso). O êxito desta iniciativa [está por provar](#).

As iniciativas “antiguerra” encheram e foram publicitadas por todos estes “soldados digitais” como prova de que os húngaros estão, antes de mais, preocupados com as consequências da guerra na Ucrânia. Entre novembro e dezembro, Orbán foi cabeça de cartaz em Győr, Nyíregyháza, Kecskemét, Mohács e Szeged.

András LÁSZLÓ MEP  

@laszloan · [Seguir](#)



 EU elites hate him!

 Hungarians cheer him!

Viktor Orbán at anti-war rally in the city of Mohács! The Ukraine war is not our war!

Assista no X

Na página do movimento DPK, o resumo desse périplo lê-se como clara vitória para o Fidesz. “Após o sucesso da reunião do DPK de setembro e da Marcha pela Paz de outubro, o primeiro-ministro anunciou a digressão nacional para estabelecer contacto pessoal com os cidadãos determinados a trabalhar pelo seu país. Em cada reunião do DPK, o primeiro-ministro Orbán ofereceu uma visão geral detalhada da situação política no país e no estrangeiro”.

Em Szeged, quando questionado pela audiência sobre as razões que deveriam levar os húngaros a apoiar o Fidesz em 2026, respondeu: “Se não houver Fidesz, não há um milhão de novos empregos, não haverá segurança na velhice, em vez disso haverá guerra e muitos migrantes”.

Noutro comício, em Kecskemet, Orbán avisou: “A guerra não está longe, politicamente falando, já está perto. Os dirigentes europeus decidiram que a Europa se deve encaminhar para a guerra, e há planos oficiais que preveem a prontidão até 2030. Até lá é preciso construir uma economia de guerra”. Orbán [tem afirmado](#) que estas são as últimas eleições antes

da guerra.

Péter Balázs considera que a preocupação com a guerra é fator a ter em conta, mas não o que mais interessa às pessoas, até porque o efeito medo, em grande medida, já passou. “Orbán diz que só ele quer a paz, mas é mentira, claro que toda a gente quer a paz. No entanto, quem se encontra com Putin é Orbán. Quer a paz como? Em 2022, logo no início da agressão russa à Ucrânia, usou o mesmo argumento e nada aconteceu. Por isso, acho que, desta vez, já não será um elemento assim tão eficaz ou crível da sua propaganda.”

Mesmo com todos estes aspetos que parecem empilhar-se contra Orbán, Nagy sublinha que “ninguém sabe se Magyar tem dois milhões de votos ou 200 mil, e se Orbán tem uma base adormecida que finalmente se vai mobilizar para não o ver perder”. Surpresas “são possíveis”. O que é certo, avança Nagy, “é que Orbán sente a pressão porque há muito que não fazia uma digressão como esta”.

Orbán tem vendido Magyar como o próximo fantoche de Bruxelas, disposto a absorver qualquer dos *diktats*, expressão que há muitos anos circula em cartazes do Fidesz. Entre eles, claro, a comparência em tudo o que for a favor da Ucrânia na guerra contra a Rússia. Nagy diz que, mesmo que Magyar vença, “vai estar apenas a governar a nação mais fragilizada” de toda a UE.

**Szabolcs Panyi**   
@panyiszabolcs · [Seguir](#)



 Viktor Orbán's latest government ad campaign flooding the streets — commissioned and paid for by the Hungarian government — depicts Hungary's enemies as Ursula von der Leyen, Manfred Weber, and Volodymyr Zelensky, stoking anti-EU, anti-German, and anti-Ukrainian sentiments.

Ainda assim, uma coisa merece o elogio, ainda que irónico, do analista. “Uma das maiores vitórias de Orbán foi convencer as pessoas de que a Hungria é relevante. A Hungria não é relevante. A UE pode contornar a Hungria se quiser, não o faz porque é lenta na procura de soluções práticas.”

## **UM CONSERVADORISMO SOCIALISTA**

Nem Orbán nem Magyar são progressistas, o ADN ideológico de ambos é muito semelhante. Para lá da mobilização de base, as políticas governamentais destinadas a apoiar as famílias e os pensionistas são centrais na campanha. Medidas como o programa de habitação

“Primeira Casa”, a introdução de um 14º mês de pensão e a expansão das isenções de imposto sobre o rendimento para as mães visam anular um pouco a ideia de que Orbán já não tem opções novas para os que mais precisam.

Os seus planos incluem a redução do imposto sobre o rendimento das pessoas singulares, um aumento significativo das pensões e do abono de família, o desenvolvimento da saúde e da educação públicas e o reforço do apoio às famílias.

O passado socialista explica-o. “Quando se trata de imaginação social e cultural, as ideias de direita geralmente prevalecem, mas o que é interessante é ver que ambos prometeram uma plataforma económica quase de esquerda, social-democrata. Os húngaros adoram isso, precisamente porque continua a existir uma sombra de socialismo no país. Havia um ditado que dizia que éramos o quartel mais feliz do Bloco Oriental”, diz Ngy. Orbán foi “o melhor a entender isso”, quando logo em 2010 prometeu que “se as pessoas trabalhassem, o resto haveria de se arranjar”.

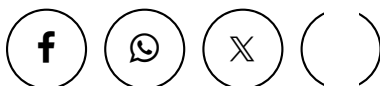
## RELACIONADOS

Béla Tarr (1955–2026): “Não quero saber do cinema para nada. A única coisa que me interessa é a vida”

---

“Apesar do que Orbán diz, na Hungria toda a gente está orientada para o Ocidente”: entrevista com o ex-MNE húngaro Péter Balázs

---



Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail:

[afranca@impresa.pt](mailto:afranca@impresa.pt)

## ÚLTIMAS NOTÍCIAS

**Judite  
Sousa  
entregou a  
carteira  
profissional:  
"o  
jornalismo  
chegou ao  
fim na  
minha vida"**

**Neve em  
Portugal  
acima do 400  
metros até ao  
fim de  
semana: há  
aviso  
vermelho em  
cinco distritos**

**Aqui  
está a  
canção  
nova  
dos  
Arctic  
Monkeys:  
ouça  
'Opening  
Night'**

**Mais de  
60%  
das  
vagas  
para  
Medicina  
Geral e  
Familiar  
por  
preencher**

---

## Política de comentários de Expresso |

Os comentários no Expresso são apenas permitidos a subscritores. Subscriba para poder comentar.

Por favor, leia a nossa Política de comentários antes de comentar.

Compreendi

### Gostou deste artigo?

1 resposta



Gosto



Não gosto



Adoro

### 0 Comentários



Inicie o debate...

Melhores Mais recentes Mais antigos

Seja o primeiro a comentar!

---

---

## + Semanário

### ESTADOS UNIDOS

Mineápolis teme escalada após confrontos com polícia da imigração

## GEOPOLÍTICA

Mais do que segurança, “é ganância económica”: Trump, os multimilionários e a corrida dos EUA ao controlo da Gronelândia

Catarina Maldonado Vasconcelos

## AMÉRICA LATINA

Milei corta inflação, mas famílias argentinas ainda têm de apertar o cinto

Márcio Resende

## CONFLITO NO MÉDIO ORIENTE

O Hamas no futuro: força política, guerrilha, misto de ambos ou nada disto?

Ana França

---

## + Vistas

## GEOPOLÍTICA

Piers Morgan sugere que Portugal desista do Mundial 2026 para

**1** evitar tarifas de Trump

---

**2** PRESIDENCIAIS 2026  
Presidenciais: Mendes com prejuízo de meio milhão de euros;  
Seguro, Ventura e Cotrim com resultados positivos

---

**3** ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E ESTADO  
ADSE altera regras de reembolso dos óculos e exames médicos

---

**4** LIGA DOS INOVADORES  
“Nos EUA, as casas unifamiliares são quase todas em madeira, na  
Escócia cerca de 80%. Em Portugal, é uma questão de tempo”

---

**5** INTERNACIONAL  
Christine Lagarde abandona jantar em Davos ofendida com  
secretário do Comércio dos EUA

---

**6** BLITZ  
Primitive Reason: “Em Vilar de Mouros estávamos a jantar feijoada  
e havia um gajo inglês a olhar para a comida. Anos depois, em  
Londres, ‘é o mesmo gajo!’”

---

**7** VENEZUELA  
Venezuela anuncia acordo de 500 milhões de dólares para venda  
de petróleo

---



# Sheik Al Jaber, que tem resorts de luxo no Algarve, perde hotel em Viena por decisão judicial

**SUBSCREVER**

**EXCLUSIVOS**

**NEWSLETTERS**

**SEMANÁRIO**

[Estatuto editorial](#) [Código de Conduta](#) [Ficha Técnica do Expresso](#) [Política de cookies](#) [Política de privacidade](#)  
[Termos de utilização](#) [Contactos](#) [Publicidade](#) [Ficha técnica da Blitz](#) [Estatuto editorial Blitz](#)  
[Blitz 40 anos – Aviso Privacidade](#) [Configurações de privacidade](#)

**SIGA-NOS**



[www.impresa.pt](http://www.impresa.pt)

## **SITES DO GRUPO IMPRESA**

SIC

Opto SIC

SIC Internacional

SIC Notícias

SIC Radical

SIC Mulher

SIC K

SIC Caras

SIC Novelas

SIC Esperança

Fama Show

Expresso

Blitz

Boa Cama Boa Mesa

Tribuna

Volante SIC

GMTS

InfoPortugal

